



A EXPERIÊNCIA DE SER-NO-MUNDO: QUILOMBOLA, FEIRANTE E URBANISTA

Joelma Gomes Ferreira ¹
Jussara Fraga Portugal ²

RESUMO: Este artigo é um recorte da pesquisa “*Vem freguês!*”: *lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano* (FERREIRA, 2021), realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET-UNEB), Linha de Pesquisa II – Processos Territoriais e Dinâmicas Urbano-Regional, vinculado à investigação Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: memórias, narrativas e linguagens, desenvolvida pelo grupo de pesquisa do Geo(BIO)grafar, cujo principal objetivo foi buscar compreender como a feira livre de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, se inscreve no cenário composto por diversas identidades, a partir das práticas e relações identitárias narradas pelos sujeitos que vivenciam esse lugar. Nesta escrita a intenção é desvelar a experiência de ser-no-mundo de uma pesquisadora preta, a partir da reflexão de seu processo de autoconhecimento, pertencimento e de transformação, na medida em que transita por diversos espaços de formação e de conhecimento, lugares e (entre)lugares. Sua sustentação epistemológica baseia-se no entrecruzamento dos conceitos da fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1999; HOLZER, 2008, 2013 e 2014), das geo(BIO)grafias (PORTUGAL, 2013), encruzilhada epistemológica (MARTINS, 2002; SANTANA JÚNIOR, 2018 e RUFINO, 2019), experiência (BONDÍA, 2002) e lugar (CARLOS, 2007; PINTO, 2014). Trata-se de uma investigação qualitativa de natureza autobiográfica (CHIZZOTTI, 2006), cujos resultados se traduzem em narrativas que consideram a trans(formação) da pesquisadora, ao tematizar saberes, lugares e seus cotidianos; acervos de experiências e aprendizagens que compõem um Ebó de conceitos (FERREIRA; PORTUGAL, 2021) dentro da ideia de que diversas concepções podem ser entrelaçadas harmonicamente.

Palavras-chave: Ebó de conceitos, Fenomenologia, Experiência, Autobiografia, Lugar.

ABSTRACT:

This article is an excerpt from the research “Come customer!”: places, contexts and identity relations at the Santo Amaro free fair – Recôncavo Baiano (FERREIRA, 2021) held in the Postgraduate Program in Territorial Studies (PROET-UNEB) Line of Research II – Territorial Processes and Urban-Regional Dynamics, linked to the investigation of Geo(graphs) in multiple territorial contexts: memories, narratives and languages, developed by the research group of Geo(BIO)grafar, whose main objective was to seek to understand how the Santo Amaro free market, in the Recôncavo Baiano, is part of a scenario composed of different identities, based on the identity practices and relationships narrated by the subjects who experience this place. In this writing, the intention is to unveil the experience of being-in-the-world of a black researcher, based on the reflection of her process of self-knowledge, belonging and transformation, as she moves through different spaces of formation and knowledge, places and (between) places. Its epistemological support is based on the intersection of the concepts of phenomenology MERLEAU-PONTY, 1999; HOLZER, 2008, 2013 and 2014), of

¹Mestre em Estudos Territoriais pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), membro do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, Diversas linguagens Narrativas de professores. urbanista.tst@email.com.

² Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET) e líder do Grupo de Pesquisa Geo(bio)grafar: Geografia, Diversas linguagens Narrativas de professores. jfragaportugal@yahoo.com.br



geo(BIO)graphs (PORTUGAL, 2013), epistemological crossroads (MARTINS, 2002; SANTANA JÚNIOR, 2018 and RUFINO, 2019), experience (BONDÍA, 2002) and place (CARLOS, 2007; PINTO, 2014) This is a qualitative investigation of an autobiographical nature (CHIZZOTTI, 2006), whose results are translated into narratives that consider the researcher's transformation, when thematizing knowledge, places and their daily lives; collections of experiences and learning that make up an Ebó of concepts (FERREIRA; PORTUGAL, 2021) within the idea that different conceptions can be harmonically intertwined.

Keywords: Ebó of concepts, Phenomenology, Experience, Autobiography, Place.

Notas Introdutórias

A história de vida narrada neste artigo é um recorte da pesquisa intitulada “*Vem freguês!*”: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano (FERREIRA, 2021), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais (PROET-UNEB) / Linha de Pesquisa II – Processos Territoriais e Dinâmicas Urbano-Regional e vinculada à pesquisa *Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: memórias, narrativas e linguagens*³ em desenvolvimento no grupo de pesquisa *Geo(BIO)grafar – Geografia, Diversas Linguagens e Narrativas de professores*. A

³ Esta pesquisa que entrelaça as abordagens sobre memórias, trajetórias de vida- formação-profissão e as diversas linguagens, vinculada ao Grupo de Pesquisa *Geo(bio)grafar: Geografia, diversas linguagens e narrativas de professores*, cujo tema se inscreve: *Geo(grafias) em múltiplos contextos territoriais: memórias, narrativas e linguagens*, demarca um objeto instituído pela relação entre memórias (individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais), narrativas e os modos de apreensão das diversas linguagens como estratégias metodológicas e dispositivos didáticos para potencializar a rememoração de acontecimentos, vivências experiências que compõem as histórias vividas por grupos diversos de sujeitos sociais em múltiplos contextos geográficos. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, ancorada na abordagem (auto)autobiográfica, com inspiração nas contribuições da fenomenologia, da Geografia Cultural e, também, sob a perspectiva metodológica da História Oral. A intenção é analisar, a partir das memórias evocadas, as narrativas sobre as percepções e compreensões do vivido (acontecimentos e experiências), desvendando as tramas das histórias compartilhadas por diferentes sujeitos sociais sobre os seus percursos de vida-formação-profissão, entrelaçando passado e presente e os elementos culturais materiais e imateriais, símbolos, cenários, representações, hábitos, valores, costumes, práticas, saberes, fazeres, tradições, gestos, palavras, imagens e as práticas cotidianas nos lugares onde a vida acontece. Os procedimentos, do ponto de vista metodológico, norteiam-se a partir da proposição de fontes como o memorial, diário de formação, entrevista narrativa individual, depoimento oral, fotobiografias, videobiografias e questionário biográfico para a composição do quadro-perfil do grupo de colaboradores, sujeitos da investigação. No entanto, torna-se importante destacar que a metodologia é uma construção cotidiana no devir das práticas investigativas. A referida pesquisa visa compreender as seguintes questões: 1) Quais elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, emergem nas narrativas autobiográficas dos sujeitos sociais nos seus diversos territórios? 2) Quais memórias compõem o mosaico de histórias que retratam as trajetórias de vida nos lugares de vivências dos indivíduos, colaboradores da pesquisa? 3) Como os elementos constitutivos das memórias (individuais, coletivas, subterrâneas ou marginais), reverberam no modo como os sujeitos sociais dão significados às suas vivências e experiências no cotidiano da vida em múltiplos contextos territoriais? 4) Quais as contribuições das narrativas sobre as memórias (individuais, coletivas e subterrâneas ou marginais) para uma interpretação das experiências com/no/sobre os lugares e seu cotidiano? e 5) Como as diversas linguagens potencializam/retratam a abordagem de temas vinculados às trajetórias de vida, com ênfase nas memórias, vivências e experiências de sujeitos sociais, em múltiplos contextos geográficos? Desse modo, a intenção é dar visibilidade às memórias e histórias de sujeitos sociais que habitam múltiplos contextos territoriais e narram sobre as suas práticas, os seus saberes e a suas experiências com/nos lugares.



investigação realizada por Ferreira (2021) versa sobre quatro histórias de vidas de feirantes, duas mulheres e dois homens, os quais, por meio de suas narrativas acerca de seus saberes, vivências e experiências, colaboraram com a escrita sobre os contextos identitários da feira livre de Santo Amaro – Ba, localizada no Território de Identidade Recôncavo. Trata-se de uma pesquisa que investigou os saberes guardados pelos sujeitos feirantes sobre a feira de Santo Amaro, com base na análise e na interpretação dessas narrativas, cujo objetivo geral foi o de compreender como a feira livre de Santo Amaro se inscreve no cenário composto por diversas identidades, a partir das práticas e relações identitárias narradas pelos sujeitos que vivenciam, cotidianamente, esse lugar.

No entanto, antes de narrar sobre o outro, fez-se necessário que a pesquisadora também se percebesse, se desvelasse e se revelasse por meio da escrita autobiográfica, enquanto biógrafa ou contadora das histórias de vidas de sujeitos que a auxiliaram na compreensão de contextos identitários da feira livre de Santo Amaro. Nessa perspectiva, no decurso de sua narrativa, ela percebe a potência da abordagem fenomenológica que, de acordo com Holzer (2013), ao ocupar-se do corpo e do espaço em suas investigações filosóficas, a fenomenologia ainda permite uma gama de possibilidades de interpretações do espaço-vívido, exatamente pelo espaço ser relacional e vinculado, sobretudo, à experiência dos grupos humanos. Desse modo, objetiva-se, neste texto, apresentar as experiências de ser-no-mundo, estas territorializadas em diversos espaços de vivências e formações, por meio da escrita autobiográfica da autora Ferreira (2021).

Para tanto, optou-se enveredar pelos caminhos da fenomenologia entrelaçando neste viés epistemológico o percurso vivido, o qual possui marcas de uma trajetória de vida composta pelo processo de reconhecimento e pertencimento atrelado ao ser que se identifica enquanto quilombola, feirante e urbanista. Saliente-se a isso, o anseio de quem se revela para além de uma voz que narra, outra voz discursiva que expõe os percalços e as diversidades do lugar social que ocupa, bem como as relações sociais estabelecidas em múltiplos espaços geográficos.

Sobre a autobiografia Chizzotti (2006, p. 95) revela que a “[...] história de vida ou relato de vida pode ter a forma autobiográfica. Onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto da sua trajetória de vida”. Com base neste entendimento Ferreira (2021) aciona suas memórias, experiências e vivências de modo que as narrativas coloquem em cena as vivências coletivas, pois são elas que evidenciam a trajetória no âmbito pessoal, profissional e acadêmico.



É importante demarcar que o método (auto)biográfico nas ciências sociais se baseia em diversos objetos teóricos como o vivido, as trajetórias de vidas, os modos de vida que são amplamente estudados pela/na Antropologia, História Social, Sociologia, Educação e nas “[...] diversas escolas de pensamento como o empirismo [...] fenomenologia, a hermenêutica, o interacionismo, teorias dos papéis, dramaturgia e outras” (CHIZZOTTI, 2006, p. 53).

Por isso a metodologia que consiste na abordagem autobiográfica, possibilita ao sujeito

[...] volta-se para si, para as suas histórias, com um olhar sobre a própria constituição profissional, compreendendo-se como autor, personagem, protagonista e narrador dos seus percursos de vida, formação e autoformação, considerando o lugar de onde narra à vida, o lugar onde dá forma ao vivido, ao experienciado, onde a geo(BIO)grafização acontece, onde o enredo das suas experiência é tecido, possibilitando, a partir da escrita de si, uma interpretação sobre si. (PORTUGAL, 2013, p. 236)

Portugal (2013) sinaliza que somos partes entrelaçadas como teias de vivências e experiências com os outros e com/nos lugares, as quais potencializam aprendizagens ao atribuir sentidos e significados ao vivido/experienciado. Essas aprendizagens se cruzam, se entrecruzam e se interligam no decorrer da trajetória que nos (con)formam. Por isso o ato de biografar e/ou autobiografar-se é um movimento no qual o sujeito é oportunizado a construir um enredo sobre o vivido e nesse processo vai

[...] tecendo fragmentos de tantas histórias e experiências que compõem um enredo que possibilita compreender os caminhos percorridos (ou quem sabe, ainda a percorrer) para buscar anunciar os modos e os repertórios de histórias que se entrelaçam nesta composição. (PORTUGAL, 2013, p. 42)

A geo(BIO)grafização é, portanto, a “[...] grafia da vida, modo de apreensão, narração e interpretação das experiências vividas a partir da concepção, percepção e apropriação do lugar, cenário-referência” (PORTUGAL, 2013, p. 229), compreendido enquanto modo de leitura que permite explorar, descrever, caracterizar, analisar as fenomenologias que são inscritas nos espaços geográficos, por meio das percepções sobre o vivido.

Delory-Momberger ao se reportar ao processo de biografização sinaliza que “[...] quando nos ocupamos de biografia, pensamos em termos de temporalidades: apreendemos o curso das existências e das representações biográficas como construções no tempo” (2008, p. 93-94). Já Portugal (2013) corroborando com a autora, destaca a relevância de considerar, também, a dimensão espacial sempre apreciada na realização de pesquisas biográficas, uma vez que, conforme sinaliza Delory-Momberger (2008), contemplar a dimensão espacial nas narrativas de si.



[...] por aqueles indivíduos que se biografam, ou seja, atribuem-se uma forma na qual se reconhecem como eles próprios. [...] *levando em conta*, a dimensão do espaço enquanto dimensão da experiência e da biografização. (DELORY-MOMBERGER, 2008b, p. 93, grifos no original).

Para Portugal (2013, p. 229), “Ao situar as experiências no lugar geográfico, o sujeito que narra vai atribuindo significados, reconfigurando valores, se constituindo sujeito do/no espaço.” Já Delory-Momberger (2008, p. 98) assevera que

[...] nós agimos no espaço e nós fazemos agir o espaço dando-lhe significações, valores que estão ligados à nossa pessoa, à nossa história, às nossas emoções e sentimentos etc. Nós temos então uma prática reflexiva e afetiva do espaço que nos conduz a investi-lo biograficamente e a fazê-lo um dos componentes de nossa construção pessoal.

Este artigo está organizado em quatro dimensões, a saber: a primeira, *Notas Introdutórias*, na qual são apresentados os elementos estruturantes do texto; na segunda, *Encontro epistêmico: ebó de conceitos consta* o entrelaçamento de conceitos que potencializam a discussão sobre o objeto e a metodologia empreendida; a terceira, *A experiência de ser-no-mundo: tudo se transforma*, com apontamentos sobre a trajetória de vida de Ferreira (2021) e, por fim, a quarta e última dimensão intitulada *Narrativas inconclusivas* comporta algumas reflexões sobre as percepções apreendidas na narrativa da trajetória de vida de Ferreira (2021) e, por último, as referências.

Encontro Epistêmico: Ebó de Conceitos

Na religião de matriz africana, o Ebó é uma oferenda dedicada aos orixás, composta por vários elementos e alimentos que juntos nutrem os rituais de benção, cura e agradecimento. Neste estudo, o Ebó possui um enfoque epistemológico conforme assinalado por Rufino (2019, p. 88), o qual é compreendido como “[...] um procedimento que aviva as razões no encante para que o conhecimento seja cruzado, engolido por outras perspectivas e restituído de maneira transformada” e esse encontro é afetado “[...] diretamente sobre as relações de saber/poder, produzindo movimentos com forças de construir outros fluxos de conhecimento” (LIMA, 2021, p. 44-45). Desse modo, Lima (2021) ressalta a capacidade que o Ebó possui na reconstituição e na formação de lugares, reforça a sua importância nos cruzamentos identitários⁴, estes que vislumbram diversas dimensões e vivências e experiências.

⁴ Cruzamentos Identitários



Para Ferreira (2021, p.160), o Ebó de conceitos é compreendido como uma tessitura dialógica que engloba diferentes formas de enunciação, as quais estão ancoradas na decolonialidade, esta que segundo Rufino (2016, p. 63), “[...] é para além de um empreendimento político e epistemológico comprometido com as transformações radicais e a transgressão dos limites mantenedores do poder [...]”. Para o autor o assentamento de saberes múltiplos que decorre deste processo decolonial coaduna com a experiência vivida, cruzada e interseccionada, de modo que amplia outros horizontes epistemológicos, como por exemplo, o corpo como *locus* de conhecimento (RUFINO, 2016).

Ainda, sobre esta questão, Ferreira (2021, p.160) destaca que

[...] o ebó de conceitos engloba questões históricas, contemporâneas, culturais e identidade, bem como as marcas construídas pela ação dos sujeitos, suas vivências, experiências, narrativas e memórias. Pois a partir do olhar sobre essas dimensões é possível contemplar com mais detalhes a conformação do contexto identitário.

Para tratar desses cruzamentos identitários, faz-se imperioso compreender a encruzilhada epistemológica como um termo criado a partir da concepção de encruzilhada, “[...] enquanto ponto ambíguo, podendo ser começo, o fim, mas também o iniciar de um fluxo que coloca a epistemologia enquanto a possibilidade de confluências” (SANTANA JÚNIOR, 2018, p. 253).

Assim, a encruzilhada epistemológica é marcada por diferentes sistemas simbólicos (africanos, indígena, europeus e orientais) que englobam

[...] cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos. Assim, a noção de encruzilhada utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisão, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim. (MARTINS, 2003, p. 69)

Nessa acepção, esta abordagem quebra paradigmas, revoluciona e cria uma gama de possibilidades, enquanto

[...] lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, textos e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. (MARTINS, 2002, p.73)

Neste artigo a encruzilhada epistemológica é atravessada pelas bases fenomenológicas como elementos que melhor traduzem as reverberações, reflexões e implicações que o estudo trouxe para a minha trajetória de vida. Merleau-Ponty (1999) ressalta que a essência enquanto subjetividade pode emergir de diversas linguagens e expressar as múltiplas maneiras que os sujeitos encontram para existirem, reexistirem e flanarem com os /nos lugares que ficam no plano concreto ou no imaginável.



É importante situar que neste Ebó de conceitos a Geografia Humanista também nos auxilia na escrita deste texto, pois como sinaliza Holzer (2008), a Geografia que se aproxima dos valores humanistas, possivelmente contribui para a valorização e conservação do ambiente de um modo geral, uma vez que direciona para a percepção, para o simbolismo e para a totalidade do ser.

Desta forma, ao articular as aspirações da Geografia Humanista com as pretensões da fenomenologia, observa-se uma relação simbiótica, visto que ambas são centradas no “[...] estudo da ação e da imaginação humanas e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos” (HOLZER, 2008, p. 37). Isso não quer dizer que tanto uma, quanto outra sejam abordagens complementares em suas totalidades, mas, sim, refletem uma quebra paradigmática às ideias cartesianas na leitura dos contextos que são produzidos pelos sujeitos sociais. O fato é que eu, como intérprete do meu mundo, um ser-no/do-mundo, compreendo-o como “[...] aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). O mundo não escorre entre os dedos como se fosse água, quando é vivido, percebido, experimentado e transformado em escrita, uma vez que se materializa, revelando um tanto de nós, um tanto dos outros e dos lugares que foram palco do acontecer/experienciar das histórias.

Neste contexto, o conceito de lugar também ganha espaço e é referenciado ao aporte fenomenológico, o qual segundo Holzer (2014, p. 282), “[...] trata da experiência intersubjetiva de espaço (mundo) em seus fundamentos, quais sejam, distância e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que podemos chamar de espaço geográfico”. Carlos (2007, p.20) complementa essa concepção, ao enfatizar que “[...] o lugar é o mundo do vivido, é onde, se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo onde em que é produzida a existência social dos seres humanos”. Aqui se acentua o lugar como elemento estruturador das experiências e suas implicações na vida do sujeito que narra as suas histórias, tendo o lugar como cenário da biografização.

Para Carlos (2007, p. 99), “[...] o sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social”. Assim, de alguma forma o lugar demonstra, no decorrer do tempo, as histórias de vidas que ali foram se acomodando/conformando, passam a ser ressignificadas, reificadas. E, é com base neste percurso vivido, apropriado, territorializado também pela escrita narrativa que os princípios fenomenológicos ocupam os espaços vazios, estes provocados pela ausência da experiência de



vida.

A experiência de ser-no-mundo: tudo se transforma

Refletir, escrever e narrar sobre as nossas experiências exige de nós algumas travessias pelas dificuldades que estão imbricadas no processo de autopercepção e do dispe-se diante de nós e do outro. Cada sujeito conta a sua maneira aquilo que é experienciado, o que nem sempre é traduzido na oralidade e/ou na escrita, por vez, o silêncio é rompindo pelo movimento do encontro com outras vozes que nos incentivam a expressar o que somos e como as experiências nos fortalecem. Rufino (2016, p.78) ensina que

[...] registramos as nossas rotas, encontros, embates, saberes, o que nos há de único e de coletivo, na medida em que pulsamos e vibramos na espreita do outro. O ser no mundo é sempre a possibilidade de uma escrita encruzada com o outro.

Com base neste entendimento, podemos inferir que somos únicos, mas que não somos sós. Os nossos enredos são compostos por histórias de vidas que se cruzam, que se re(conectam), que transmitem saberes que, de alguma modo, nos complementam, os quais são construídos nas experiências cotidianas nos seus espaços de vivências. Ademais, para nós negros a nossa ancestralidade, enquanto força que protege e abre caminhos, nos acompanha a todo instante, no devir dos tempos, até mesmo no decorrer da escrita, esta que transita carregando as expressões que são plurais.

Como destaca Portugal (2013, p. 40), “tempos e espaços são inseparáveis. Tempos e espaços que trazem as marcas do vivido, do experienciado nos movimentos [e deslocamentos] [...] que demarcam os caminhos trilhados, dando forma ao modo de ser, pensar, agir e atuar [...]”. Portanto,

No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados da nossa cultura. (FONTANA, 2010, p.182)

Assim, ao narrar sobre experiências de si atravessadas por outras tantas experiências de tantos outros, é preciso compreender as dimensões (espaciais e temporais e simbólicas) que são mobilizadas no entrelace “desvelar-se, revelando-se”, uma vez que, ao narrar-se “o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (ABRAHÃO, 2004, p. 202). Narrando as experiências que mais despertam aprendizagens e que mais fazem sentido o vivido. Neste particular Bondía (2002, p. 27) compreende que



O acontecimento é comum, a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo.

De todo modo, o sujeito experimenta aquilo que o lugar oferece, desde os contextos históricos, físico-naturais, sociais, até os culturais. É importante situar que esta relação entre o sujeito, lugar e a experiência, reflete uma dimensão que só quem vive (experencia), consegue expressar o vivido, este que pode estar tanto no campo da subjetividade, como da objetividade. Conforme sianliza Callai (2005, p. 234), "[...] um lugar é sempre cheio de história e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza".

Sendo assim, seguindo caminhantes e enveredando cuidadosamente entre os escritos e inspirações fenomenológicas de Merleau-Ponty (1999) nos deparamos com muitas concepções que provocaram um redemoinho de novas percepções sobre “o eu”, uma delas transversaliza e amplia o campo de entendimento quando “o eu” é apresentado como um ser-no-mundo que não existe à maneira das coisas. O eu é compreendido, em primeira instância, enquanto elemento que dota de significado as coisas que existe no mundo; até a ciência para Merleau-Ponty não foge desta compreensão.

O autor nos ensina que “[...] não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14) e acrescenta: “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). Por isso que ao narrar sua experiência no mundo, Ferreira (2021) faz mobilização da sua história pelo lugar do começo, da sua sobrevivência, faz um caminho de retorno carregando uma escrevivência ancestral, um quilombismo diaspórico, que nos permite acessar o seu processo de transformação e o seu mundo, agora, não mais disperso. Tal fato evidencia que a sua geografização narra o modo de viver entre os mais velhos da sua comunidade, pois são eles as referências, os detentores de saberes que ajudam na manutenção das tradições culturais. Sobre este modo, Ferreira (2021) versou:

‘A bênção’ ou ‘bênça’ é uma expressão carregada de ancestralidade e de significados, representa proteção concedida, passos benzidos, livramento de situações importunas. O ato de dar e tomar a bênção aos mais velhos, beijar-lhes as mãos em sinal de respeito, enfatiza o sentido e o valor da vida. ‘F’ara imóra o, f’ara imóra – cujo significado é “como o corpo nos abraçamos e pedimos bênção’ (FERREIRA, 2021, p. 44)



O lugar (ver figura 1) onde foi dada a largada para a construção de si, da sua identidade, é conhecido como Acupe, um território que segundo Pinto (2014), cruza sistemas simbólicos africanos, europeus e indígenas. Ainda sobressai como “[...] polo agregador de ritos e costumes, berço das mais variadas manifestações culturais e artísticas, com uma marcante identidade afro-brasileira, fundamental na formação religiosa e sociocultural” (PINTO, 2014, p. 07). Neste devir, é importante situar Acupe como um lugar ocupado por pessoas que, em sua maioria, são pescadores e marisqueiras, fato que colabora para que o distrito seja caracterizado como umas das maiores comunidades tradicionais pesqueiras do estado da Bahia e com um estoque pesqueiro rico em diversas espécies (FERREIRA, 2021).

Figura 1 – Comunidade quilombola Acupe, Santo Amaro – BA



Fonte: Ferreira (2021)

Neste contexto de sobrevivência por meio da pesca e da mariscagem, “[...] as mulheres marcam presença e seu labor ajuda também no sustento da família, quando não são elas as responsáveis diretas para suprir todas as necessidades do ambiente familiar” (FERREIRA, 2021, p. 48). Vale enfatizar que, para além de atuarem na prática da mariscagem (ostras, siri-catado, sururu, aribi), também desenvolvem a atividade de feirantes nas feiras livres no Recôncavo Baiano.

E por crescer dentro desta conjuntura, a feira livre e a mariscagem cruzam o caminho de Ferreira (2021) e, sobre esta experiência, a autora narrou:

[...] marisquei em suas marés como quem mariscava vida e sobrevivência, mas ao mesmo tempo como quem mariscava alegria; a água brincava comigo, fazia



cócegas nos meus pés e o siri quando me beliscava era para fazer companhia.
(FERREIRA, 2021, p.42)

Ainda que o tom poético sobressaia da sua narrativa, a mesma revela uma estratégia utilizada/a por muitas mulheres da comunidade para garantir a sobrevivência e a manutenção da essência que habita em si. Esta essência, segundo Merleau-Ponty (1999), é o meio necessário para o engajamento efetivo com/no mundo.

A fenomenologia, enquanto movimento cíclico, tem a tarefa de apreender o sentido e o mistério do mundo, atribuindo a cada sujeito a responsabilidade da descoberta de si e de como se percebe nas ambiências dotadas de simbologias, linguagens, histórias, saberes e contextos identitários. Neste contexto, há também a presença do corpo como elemento de transferência e de recepção de conhecimento.

Martins (2002, p.88-89) explica que o “[...] corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance. [...] local de um saber em contínuo movimento de recriação, remissão e transformações perenes de *corpus* cultural”. No corpo, inscreve-se as expressões, as ancestralidades, as releituras. Ainda sobre o corpo, Martins (2002, p. 89) complementa que:

[...] o corpo é um *corpo de adereços*: movimentos, voz, coreografias, propriedades de linguagem, figurinos, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços grafam esse corpo/*corpus*, estilística e metonimicamente, como *locus* e ambiente de saber e da memória. Os sujeitos e suas formas artísticas que daí emergem são tecidos de memórias, escrevem história.

O corpo enquanto repositório de saberes, acervo de vivências e experiências, ele ensina só pelo fato de ser existência e, representa através das suas expressões, os aspectos e traços culturais do lugar de origem e dos lugares que serviram como palco das suas performances e trajetórias. É importante situar que o corpo é apropriante e disserpante, ao mesmo tempo em que ele aprende, ele ensina, como no jogo de trocas, quando as partes cruzam sabedorias.

Sendo assim, a pintura (figura 2) *aquelela sobre papel* retrata um corpo negro em experiência, em contato com a feira livre, o lugar onde foi vivenciado diversas trocas sociais, culturais, palco de descobertas, do trabalho, do amadurecimento, “[...] um lugar de transferência, ... um espelho que contém o olhar do observador e o objeto do olhar, mutuamente refletindo-se um sobre o outro” (ROBERTS, 1996, p. 86). Com base nesta observação a fenomenologia segue no mesmo sentido, pois permite o cruzamento de trajetórias, as quais fazem da escrita narrativa uma composição que entrecala muitas histórias.



Figura 2 - Joelma Ferreira e a feira. Aquarela sobre papel cansón300g.



Fonte: Ferreira (2021)

Para Carlos (2007, p. 99), “[...] o sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar se liga indissociavelmente à produção da vida. No lugar emerge a vida, posto que é aí que se dá a unidade da vida social”. Por isso, ao versar sobre a sua trajetória, Ferreira (2021) “caminha para si” (JOSSO, 2010), entre suas memórias, possibilitando uma “reinvenção de si” (JOSSO, 2004) e extrai trechos sobre a sua vida em espaços de produção de alimentos e transmissão de saberes, conforme excerto da sua narrativa:

A vida em coletividade era muito comum, natural, uma construção social e cultural sentida no dia a dia, e também fortalecida, por exemplo, no interior das casas de farinhas, lugar onde se produzia o beiju de coco, a pamonha, a farinha e o bolo assado na palha de bananeira. Desse modo, as atividades praticadas possibilitavam e possibilitam o encontro, trocas de saberes compartilhados por homens, mulheres e crianças, que juntos nutrem de significados, a relação construída e mantêm enraizados os afetos manifestados e as práticas e saberes sociais da ancestralidade. (FERREIRA, 2021, p.50)

A escrita autobiográfica de Ferreira (2021) revela os lugares de sua vida e como eles contribuíram na (trans)formação do seu ser, na composição e criação de caminhos, estes marcados por pisadas que refletem a urgência do encontro, a relevância das experiências e da mudança da condição social. Para Carlos (2007, p.142), “[...] uma identidade que não se refere mais a um lugar único, mas à articulação de todos os lugares”. No mesmo sentido, uma identidade não forja contexto identitário, mas a coabitação de identidades que por sua vez são múltiplas e referenciadas aos lugares das vivências e das experiências. Nesta consonância, Ferreira (2021) aponta que

A mobilidade entre os lugares contribuiu para ampliar e apurar o meu olhar de urbanista, na medida em que compreendo que a existência da diferença exige de



mim uma sensibilidade para planejar cidades tomando as suas peculiaridades como pontos de extrema relevância. (FERREIRA, 2021, p.64)

A trajetória Joelma Gomes Ferreira assemelha-se e ao mesmo tempo distancia-se de outras trajetórias de mulheres que escrevem suas histórias e por meio dela conta, encena, revela suas memórias e identidades. Baseada neste entendimento, explica:

Sabendo que é possível construir a partir dos meus escritos um espaço que alude à resistência, ao enfrentamento, uma forma de oposição ao poder que ascende condições desfavoráveis, penso que não alcanço a totalidade quando narro a minha trajetória de vida entrelaçada ao processo de reconhecimento enquanto quilombola, à atividade de feirante ou ao campo do Urbanismo. Isso exige de mim, para além de uma voz que narra, uma outra voz discursiva que deseja expor as mazelas que habitam o lugar social que ocupa a mulher-negra-feirante. (FERREIRA, 2021, p.64)

As narrativas de Ferreira (2021), suas leituras sobre si, remetem aos escritos de Beatriz Nascimento (2018), autora que ensina o poder da mulher negra e como ela pode contar suas histórias, seus pensamentos e fazer disso um quilombo, já que este também é compreendido, entre múltiplas concepções, como aquilo que escolho como referência, como epistemologia que prioriza a experiência e a especificidade histórica de homens e mulheres negras. Deste ponto de reexistência, Ferreira (2021) ressalta:

Assim, entre conquistas e batalhas, posso ainda afirmar que vivo contrariando as estatísticas a cada vez que ocupo lugares que normalmente não se percebia a presença de mulheres negras. Que os lugares – Acupe, a feira livre de Simões Filho, a universidade, os espaços informais de conhecimentos – e principalmente as pessoas que compartilharam saberes e experiências foram importantes para minha formação enquanto mulher, quilombola, feirante e urbanista, porque nas trajetórias da vida o que vale é a construção coletiva. (FERREIRA, 2021, p. 68)

Na experiência de ser-no-mundo, tudo está inacabado, em constante processo de transformação, a necessidade de ressaltar a importância da construção da trajetória, que reflete como uma oportunidade de reconhecimento, resignificação e fortalecimento, está cada vez mais próxima do âmbito fenomenológico e/ou como enfatiza Merleau-Ponty (1999), a fenomenologia funda-se em si mesma, pois ela é a própria base para o seu entendimento. Sendo assim, não há outra voz que melhor expresse a experiência, que a voz de quem experiencia, vive, sente, e se mobiliza a favor da compreensão.

Narrativas Inconclusivas

A fenomenologia é uma abordagem em que o fim dificilmente se é alcançado, pois há sempre algo por dizer. Ela é exatamente isso, a inexatidão, pois são múltiplos os destinos e direções que definem os caminhos e essas trajetórias são marcadas pelos sujeitos que compõem as tramas dos seus lugares. O que parece ser/ter sentido para alguém, para outro



reverbera em uma magnitude que ultrapassa qualquer subalternização. Por isso a importância dos cruzamentos de concepções, ou seja, um Ebó de conceitos alimentando os espaços de debates e acadêmicos.

Uma das percepções apreendidas na narrativa da trajetória de vida de Ferreira (2021) consistiu nesse movimento compreender a importância da mobilização das reminiscências. Para além disso, a crescente significância da escrita narrativa permite que a história de quem pesquisa revele a formação do seu ser pelos lugares, concebendo suas memórias e histórias integradas no desenvolvimento da pesquisa. Ainda se faz necessário enfatizar a memória como um dispositivo que restaura, territorializa, demarca e desvela as vivências em seus lugares, ora se cruzam e se entrecruzam ora se distanciam, simbolizando a construção do reconhecimento identitário, em suas implicações singulares (individual) e plurais (coletiva).

Outra aspiração reverberada no devir da escrita autobiográfica foram os saberes que são transmitidos no ser-fazer da vida cotidiana, de tal modo que, a cada passo desta escrita narrativa, os relatos pareçam a fusão do que foi vivenciado, revisitando os fatos passados com o eu que os interpretam, uma espécie de regressão que ensina e faz entender o processo formativo das histórias de vida, as quais refletem na construção da identidade. Neste sentido, a memória quando ativada, entra num processo de busca intensa para lembrar os episódios que mais representam a experiência de ser-no-mundo.

Vale ressaltar que a fenomenologia ensina a importância de ser humano e de como este humano deve olhar para si (figura 3) e se perceber como parte relevante que integra novas percepções e saberes.

Figura 3 – Olho fenomenológico



Fonte: elaboração de Ferreira (2021)



Neste devir, Ferreira (2021) desenvolve o olhar fenomenológico e ancestral, o qual busca refletir sobre e a partir das narrativas que tanto dizem sobre si e sobre os seus lugares, no compromisso consciente de que uma história de vida de uma mulher negra narrada no âmbito acadêmico abre caminhos que formam uma encruzilhada epistêmica.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e prática**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], N. 19, 2002, p. 20-28. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cla/ppgcla/ppgeac/processos-seletivosdiscentes/2014/bibliografia-arquivos-para-download/bondia-larrossa.-notassobre-a-experiencia-e-o-saber-da-experiencia/view> Acesso em: 10 out. 2021.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, SP, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia, Corpo, Espaço. In: PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 93-109.

FERREIRA, J. G. **“Vem freguês!”: lugares, contextos e relações identitárias na feira livre de Santo Amaro – Recôncavo Baiano**. 214f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais – PROET. Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2021.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HOLZER, W. Ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., Eduardo et al (Org). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, p. 281-304, 2014.

HOLZER, W. Sobre territórios e lugaridades. **Revista Cidade, São Paulo: Departamento da Geografia Urbana**, v. 10, n. 17, p.19-29, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232>. Acesso: 09 set. 2020.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e cultura, UERJ, RJ, edição**



comemorativa, p. 137-147, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6142>. Acesso em: 09 set. 2020.

JOSSO, M- C. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 340 p.

_____. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

LIMA, F. Um ebó artístico-epistêmico: desobediências poéticas em Grada Kilomba. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n. 226, p. 42-54, 1 jan. 2021.

MARTINS, L. Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**. Universidade Federal de Santa Maria, n.26, p. 63-81, 2003.

MARTINS, L. Performances do Tempo Espiral. In: RAVETTU, G.; ARBEX, M. **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG Poslit, p. 69-91, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NASCIMENTO, B. **Beatriz Nascimento, quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

PINTO, M. S. **Nego fugido: o teatro das aparições**. 2014. 164f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arte. Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115853>>. Acesso em: 21 nov. 2020.

PORTUGAL, J. F. **“Quem é da roça é formiga!”: histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais**. 2013. 352f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2013.

ROBERTS, M. N.; ROBERTS; A. F. Body memory. Part. I: Defining the person. In: ROBERTS, M. N.; ROBERTS; A. F. (eds.). **Memory, Luba art and the making of history** New York: The Museum for African Art/Munich: Prestel, 1996.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. São Paulo: Mórula Editorial, 2019.

RUFINO, L. Performances Afro-Diaspóricas e Decolonialidade: o saber Corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, v.1 n.40, p 54-80, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41797>>. Acesso em: 01 nov.2021.

SANTANA JÚNIOR, H. M. de. ENCRUZILHADAS EPISTEMOLÓGICAS: “Acertando o conhecimento europeu ontem com uma pedra que atirei somente hoje”. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB**. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, v. 3, n. 6, Julho – Dezembro de 2018.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA

XIV ENANPEGE
ESPAÇO DIGITAL

